

Apresentação

A *Trama* inicia: pequena e humilde. Seu desejo é estimular a investigação e disseminar os resultados: um diálogo constante entre o fazer, o conhecer e o discutir. *Trama* é a revista do Curso de Letras da Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), campus de Marechal Cândido Rondon, que teve sua origem associada à vontade e à necessidade dos docentes do Curso, de apresentarem a síntese de seus trabalhos científicos, como também, de intercambiarem experiências com trabalhos de outros colegas e instituições.

Especificamente, são dois os objetivos da *Trama*: a) publicar e divulgar trabalhos inéditos e traduções na área de Letras e Cultura; b) possibilitar um debate teórico e analítico vinculado à área de enfoque.

Através do título do periódico, é possível estabelecer alguns pressupostos, mesmo correndo o risco de – fugindo da etimologia – adentrar o terreno do simbólico. Tramar implica tecer, entrelaçar, armar, urdir, maquinar, intrigar, enredar, conspirar. A qual desses verbos está associada a ação significativa da revista? A todos e, em especial, a nenhum. Na verdade, o trabalho com a linguagem supõe a presença de fios que se entrelaçam numa rede de novos significados. O tecer remete ao fascínio das fiandeiras e penetra o domínio do ritmo e da continuidade, dos movimentos duais do ir e vir, do fazer e desfazer, do dia e da noite – tão bem representado pela história de Penélope e pelas produções ligadas às parcas e às moiras – na relação com a fiação do tempo ou do destino. Resgatando, pois, o sentido mítico original, a *Trama* propõe-se a tecer idéias na área da linguagem.

Assim, a *Trama* tenta abarcar, enquanto proposta constitutiva de difundir resultados de pesquisas acadêmicas, uma diversidade de temas e formas de abordá-los, quer no âmbito dos estudos lingüísticos, quer nos estudos literários. Este primeiro número da *Trama*, com cinco artigos e dois ensaios, permite verificar um certo ecletismo nas abordagens teóricas efetuadas sobre os textos de análise.

O artigo “Crítica e Função Social”, que abre a revista, do escritor, crítico literário e professor – Miguel Sanches Neto – é um instigante texto de análise sobre o comportamento da crítica literária brasileira nos últimos cinqüentas anos. Com base em sua atuação como professor universitário e como jornalista, o autor critica algumas concepções conservadoras, apostando no diálogo entre o jornal e a universidade como forma de abrir espaço para a inserção de padrões textuais e de novas posturas frente à função social da crítica literária.

O artigo de João Carlos Cattelan, “Bambu ao Vento”, faz uma discussão interessante – tendo em vista os conceitos de “documento” e “monumento”, de Le Goff e de “delocutividade”, de Ducrot – a respeito

de como o sujeito pode forjar leituras e construir gestos de sentido. O autor ilustra sua reflexão exemplificando-a com uma análise pertinente sobre o filme *Justiça Vermelha (Red Corner)*, no qual procura evidenciar os conceitos que fundamentam seu trabalho.

O trabalho de Rita Felix Fortes, “Do Afã à Insolvência”, alicerçado numa fundamentação mítico-sociológica, e tendo como base o romance *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, analisa o processo de construção e decadência do engenho Santa Fé, interpretando-o como elemento significativo para o entendimento da derrocada dos latifundiários brasileiros, afetos aos engenhos de açúcar nordestinos, entre o final do século XIX e o primeiro quartel do século XX.

“Simões Lopes Neto: o Sagrado e o Profano da Mentira”, artigo de Maria Beatriz Zanchet, discute a obra *Casos do Romualdo*, defendendo a tese de que ela não é um texto “menor”. Pela sua arquitetada estrutura, pelo uso do riso com função desmistificadora e pela ironia com que mapeia a mentira, a autora postula que a obra de Simões Lopes Neto se insere, de forma lapidar e significativa, no projeto de levantamento regional de um tempo e espaço específicos.

Clarice Lottermann, em “A Morte que Liberta e o Morto que Aprisiona”, retoma a leitura de duas obras de Machado de Assis, respectivamente, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmuro*, a partir da perspectiva da morte. O artigo inova no sentido de discutir a morte e a sua representação como formas reveladoras dos papéis sociais e das relações entre os seres humanos na sociedade.

O ensaio “Polifonia da Desilusão ou da Descartabilidade Discursiva”, de Daniel Conte, é um ensaio significativo, que investe tanto no terreno da ficção quanto da história. Analisando a obra *O cão e os caluandas*, de Pepetela, o autor discute – na esteira dos postulados bakhtinianos – como os personagens, na construção narrativa, evidenciam um discurso de desencanto com a democracia que se desenha em Angola, no período pós-independência.

O ensaio de Maria Eloisa Z. Sroczyński, “Sexualidade e Discursos em Conflito em *The Awakening*, de Kate Chopin”, propõe uma leitura semântico-discursiva deste romance norte-americano, escrito em 1899. Fundamentado na proposta de Análise do Discurso, de Norman Fairclough, o ensaio discute as vozes que permeiam o discurso da personagem Edna Pontellier, em sua ânsia de “despertar”, como atesta o título da obra. A autora, sob esse aspecto, analisa o entrelaçamento de três modalidades discursivas, representadas por três personagens e caracterizadas como o discurso do prazer, o discurso da mulher-mãe e o discurso da independência feminina.

A trama a que a revista se propõe busca inspiração, também, na tela artística do pintor holandês Piet Mondrian (1872-1944), a qual serviu de

base à projeção da capa. Interessado pela experiência da “pintura abstrata”, Mondrian – criador do Neoplasticismo – construiu seus quadros a partir de linhas retas e cores puras, com ênfase nas formas geométricas, através de um equilíbrio assimétrico da composição. O sentido do ritmo horizontal e vertical, expresso em suas obras, dá uma medida de quem perseguiu o novo, a despeito da tradição. A pintura de Mondrian, como enfatiza Gombrich¹, ansiava por “uma arte de clareza e disciplina que refletisse, de algum modo, as leis objetivas do universo”. É possível que tal ânsia não se revele importante para quem concebe a arte diferentemente.

É muito possível que um quadro que contém apenas dois quadrados tenha causado ao seu redor mais preocupação do que a causada a um artista do passado para pintar uma Madona. Pois o pintor da Madona sabia o que tinha em mira. Tinha a tradição como seu guia e o número de decisões com que se defrontava era limitado. O pintor abstrato, com seus dois quadrados, está numa posição menos invejável. Pode mudá-los de um lado para outro em sua tela, tentar uma infinidade de possibilidades sem nunca saber quando e onde parar. Mesmo que não compartilhem do seu interesse, não temos o direito de zombar de seu laborioso esforço auto-imposto.²

A preocupação dos que se valem da linguagem para exprimir sua forma de conceber o mundo é, também, por outros caminhos, semelhante à do artista: um enfrentamento com o dogma e com a defesa de novas idéias, quer em termos de teorias, quer em termos de análises temáticas, quer em termos de técnicas de expressão.

Por essa razão, os organizadores da *Trama*, entendendo que o conhecimento não é um universo acabado, mas supõe a mudança dos ritmos e sentidos, das diversas tonalidades de que se impregna o saber, creditam a validade da revista à possibilidade de discutir, refletir e permutar conhecimentos. Valendo-se de uma citação de Mondrian, é possível destacar, sinteticamente, o objetivo da presente revista: “a cor só existe graças a outra cor; a dimensão se define mediante outra dimensão; somente há posição por oposição à outra posição.”³

Maria Beatriz Zanchet
Organizadora

¹ GOMBRICH, E. H. *História da arte*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Círculo do Livro, 1972, p. 464.

² Id., *ibid.*

³ MONDRIAN, Pict. In: *El arte del siglo xx: 1900 – 1949*. Barcelona: Salvat, 1990, p. 541. (Trad. nossa).